A CISÃO PERFEITA

Paulito Dagen Roer

A Cisão Perfeita

Um exercício estético de Dualismo Cartesiano

PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou distribuída, por qualquer meio, sem autorização do autor, ressalvadas as exceções previstas em lei.
© 2026 Paulito Dagen Roer

SUMÁRIO

Movimento I: A Dúvida de Vidro .....pág. 1
Movimento II: A Fortaleza do Ego ....pág. 19
Movimento III: O Autômato de Carne .....pág. 31
Movimento IV: O Grande Geômetra .... pág. 43
Movimento V: O Espelho das Duas Substâncias .....pág. 55

Epílogo: O Cristal Isolado pág.61
Nota do Autor .....pág. 65
Fim .....pág. 67

NOTA DO AUTOR

Assim como o físico de cabelos brancos que revolucionou a nossa compreensão do tempo e do espaço, o Deus que habita a minha intimidade e o meu senso de pertencimento é o Deus de Spinoza. Minha fé e a minha intuição poética repousam na certeza de que a realidade é uma substância única, eterna e indivisível, e que somos todos ondas passageiras erguidas no mesmo oceano infinito da natureza divina.

Investigar o Dualismo de René Descartes nas páginas que se seguem não significa, portanto, uma mudança de convicção ou uma disputa de verdades com o que foi escrito antes. Trata-se, em vez disso, de um exercício estético de pura entrega literária. Se em A Grande Dobra celebramos a fusão, a continuidade e a proximidade da água comum,

aqui nos propomos a experimentar o drama da separação através de uma ótica cristalina.

Descartes nos convida a uma viagem de isolamento e rigor. Para ele, o universo se divide com um corte cirúrgico e belo, separando a mente espiritual da mecânica perfeita do corpo máquina. Vestir essa armadura de razão e habitar temporariamente o seu teatro de inverno é um desafio artístico avassalador. Afinal, a literatura é o único território livre onde podemos segurar o cristal partido exatamente ao meio com as mãos do lapidador, admirando a precisão geométrica de sua fratura sem jamais esquecer que a matéria que o formou é, na verdade, uma coisa só.

Paulito Dagen Roer.

Movimento I:
A Dúvida de Vidro

Abro os olhos e o quarto já não me acolhe como um abraço familiar. O que o senso comum chama de parede, de teto ou de chão apresenta-se agora como uma tela suspeita, uma imagem projetada que exige o benefício do meu inventário e da minha desconfiança. Sinto o calor do lençol contra os membros, sinto a resistência do colchão sob o peso das minhas costas. Mas quem me garante que essa carne que se estende na cama não é o cenário de um delírio demorado, o artifício de um sonho tão nítido que simula a própria vigília? Os sentidos são pontes frágeis que balançam ao menor golpe do vento. Eles já me enganaram antes, mostrando o remo torto na água límpida e a torre quadrada que parecia redonda na distância do horizonte.

Se a matéria falhou uma única vez em sua promessa de verdade, a razão me obriga a recolher os meus exércitos e a fechar as portas da percepção. É preciso duvidar do mundo para poder encontrá-lo.

Esta dúvida não é um abandono ou um caos cego, mas o trabalho paciente e cortante de um lapidador que busca a pureza do cristal. Eu não quebro a realidade para destruí-la; eu busco a sua linha de fratura geométrica e limpa. Imagino que o sol lá fora, o azul do céu profunda e a própria respiração que move o meu peito são apenas os truques de um gênio invisível e poderoso, ocupado em tecer uma imensa armadilha óptica para a minha consciência. Desfaço o laço que me prendia à terra. Se o mundo inteiro for uma ficção de poeira e luz, eu me retiro para o lado de dentro da margem. Minha pele já não é o ponto de encontro com o universo; ela é a muralha da fortaleza onde

a minha alma assiste, isolada e soberana, ao teatro das aparências que se desenrola no espaço. Não há fusão no lençol. Há um fosso intransponível que separa o espírito que assiste da carne que padece sob o tempo.

Se retiro o meu assentimento de tudo o que ocupa espaço, o universo exterior silencia como uma máquina que teve as suas engrenagens travadas. Fico a sós comigo, trancado neste cômodo de inverno onde o pensamento é a única luz acesa no meio da noite escura da matéria. Olho para as minhas mãos e elas parecem os instrumentos distantes de um autômato que não me pertence por direito de essência. Meus dedos são feitos de osso e de nervos que respondem a pressões mecânicas, mas o eu que governa esses movimentos habita um plano onde a balança do peso e a régua da distância não têm nenhum poder. Sou uma linha partida. O cristal rachou exatamente ao meio, separando com um

corte perfeito a substância que pensa da substância que se estende no vazio. No silêncio desse isolamento cristalino, procuro a primeira certeza inabalável, o ponto fixo e geométrico que nenhuma dúvida, nenhum gênio maligno e nenhuma ilusão dos sentidos possa arrancar de mim.

Este ponto fixo não se esconde atrás de teorias complexas, mas aguarda o momento em que a mente decide testar a solidez de tudo o que a cerca. Sentado diante da lareira neste quarto silencioso, estendo as mãos em direção às chamas e sinto o calor familiar morder a ponta dos meus dedos. O bom senso me diz que este fogo é real, que a madeira que estala e consome-se diante de mim possui uma existência física inegável, e que o próprio cheiro da fumaça que perfuma o ar é a prova de que o mundo lá fora continua de pé. No entanto, se eu resgatar a memória das noites em que o sono me visitou profundamente, lembrarei

que fechei os olhos em uma cama escura e sonhei que estava exatamente aqui, aquecendo-me diante das mesmíssimas brasas, sentindo o mesmíssimo calor e enxergando a mesma dança dourada das labaredas na parede. No calor do sonho, a certeza era absoluta; o corpo inteiro jurava que estava acordado. Se a ilusão da noite consegue imitar com tanta perfeição a verdade do dia, como posso ter a garantia matemática de que este instante não é apenas mais um delírio da mente adormecida?

O gelo que repousa do lado de fora da janela, cobrindo o jardim com uma crosta dura e transparente, ensina a mesma lição de desconfiança ao olhar atento. Se eu recolho um pedaço desse gelo e o seguro entre as palmas das mãos, meus sentidos registram uma série de qualidades claras: ele é frio ao toque, rígido, emite um som estalado se batido contra o vidro e possui a cor cinzenta do inverno. Mas basta

que eu o mantenha perto do calor do meu peito por alguns minutos para que todas essas certezas se desfaçam em água corrente. O frio dá lugar à temperatura morna, a rigidez vira fluido, a cor desaparece na transparência e o som silencia. O objeto mudou em todas as suas características que os meus olhos e as minhas mãos podiam medir, e, no entanto, a razão sabe que se trata da mesmíssima matéria que antes estava congelada. Os sentidos captaram apenas a superfície mutável, a casca enganosa das coisas, enquanto a verdadeira essência da matéria permaneceu oculta, acessível apenas ao julgamento silencioso da inteligência que opera por trás das pupilas.

Essa necessidade de examinar a realidade com o rigor de quem testa a pureza de um metal nos obriga a colocar entre parênteses até mesmo as verdades mais simples que julgávamos eternas. Acostumamo-nos a acreditar que a

soma de dois com três será sempre cinco, ou que um quadrado nunca poderá ter mais do que quatro lados, estejamos nós acordados sob a luz do sol ou perdidos nos labirintos de um pesadelo de madrugada. Parecem verdades blindadas contra qualquer dúvida. Mas se permitirmos que a imaginação avance mais um passo na busca pela fratura geométrica, podemos conceber que a nossa própria mente foi construída com um pequeno defeito de fabricação. E se o arquiteto que moldou a nossa capacidade de raciocinar tiver colocado em nós um engano invisível, fazendo com que o nosso peito sinta a certeza do acerto toda vez que erramos a conta mais simples da matemática? No limite dessa desconfiança radical, onde o chão da física e o teto da lógica parecem desabar, a alma se descobre suspensa no vazio, cortando os últimos fios que a prendiam ao mundo cenário.

Ficar suspenso no vazio, contudo, não é o fim da jornada, mas o instante em que o cristal revela a sua resistência invencível sob a pressão da lâmina. Quando retiro o meu assentimento de todas as paisagens, quando duvido da existência da terra, do céu, dos meus próprios braços e de todas as histórias que os homens contam desde o início dos tempos, percebo que há algo que resiste ao naufrágio geral das aparências. Mesmo que tudo o que eu veja seja um truque óptico, mesmo que o calor do fogo seja uma mentira e que o gênio mais poderoso do universo gaste toda a sua energia para me enganar a cada segundo, há uma verdade que nenhuma fresta de dúvida consegue arranhar. Para que eu possa ser enganado, para que eu possa sonhar, para que eu possa desconfiar da parede e do quarto, é preciso que eu seja alguma coisa. O ato de duvidar é o próprio pensamento em movimento. Eu posso não ter um corpo real,

posso não ter pés para caminhar sobre o solo, mas não posso negar que eu sou, enquanto penso, uma substância cuja essência inteira é a pura consciência de existir.

Esta consciência de existir, isolada sob o manto da dúvida radical, não busca o conforto das respostas prontas, mas a solidez de uma fortaleza que nenhuma tempestade possa abalar. Quando a mente humana descobre que a sua capacidade de pensar é a única raiz que permanece firme enquanto o cenário do mundo desaba, ela passa a olhar para a própria solidão com um orgulho geométrico. Eu já não preciso do testemunho dos meus olhos para saber que estou vivo, nem necessito que o chão confirme os meus passos para ter a certeza de que ocupo um plano na eternidade. O eu que agora habita este quarto de inverno não é um hóspede da matéria; ele é o juiz soberano que decide o que é verdadeiro e o que é ilusão. O universo exterior, com as suas

cidades barulhentas, seus oceanos profundos e as suas estrelas que brilham no vazio, torna-se uma hipótese suspensa, um desenho feito a lápis que a razão pode apagar ou validar conforme a nitidez das suas próprias leis internas.

Caminhar por este deserto de certezas nos obriga a enxergar a linha de fratura em cada pequeno detalhe do cotidiano. Se eu escuto o bater do meu próprio coração na calada da noite, já não sinto aquela comunhão imediata com o pulsar do mundo que outrora me acalmava. O coração que bate no meu peito revela-se como o fole de uma máquina biológica, um mecanismo de válvulas, tubos e pressões mecânicas que obedece à engenharia cega da física elementar. Ele pertence ao plano da extensão, ao império das coisas que possuem peso, largura e contorno no espaço físico. Mas o sentimento de urgência que acelera esse

batimento, a angústia que aperta o peito ou a clareza que analisa o compasso do sangue nascem em outro hemisfério. Eles pertencem ao espírito puro, à substância imaterial que não pode ser dividida por nenhuma lâmina e que não ocupa nenhum milímetro de espaço na sala. Somos duas realidades vizinhas que se olham através de um vidro intransponível: o fantasma assiste e a máquina executa, unidos temporariamente por um nó sutil que a geometria divina amarrou no centro da nossa carne.

Este nó sutil que une o espírito à mecânica do corpo não nos permite esquecer que a nossa mente habita o mundo físico como um estrangeiro que precisa decifrar as regras de um país exótico. Quando sinto a agulha da dor me espetar a pele, a minha primeira reação irrefletida é acreditar que a dor está localizada ali, na ponta do dedo que sangra, como se a carne possuísse a capacidade de sofrer por conta

própria. Nova ilusão dos sentidos. O dedo que colide com o espinho é apenas matéria geométrica que sofreu um impacto mecânico, uma corda que foi esticada e transmitiu a sua vibração através dos filamentos invisíveis dos nervos até atingir a fortaleza do cérebro. A dor não está na carne; ela é o aviso que o espírito recebe, a tradução que a alma faz do choque que a sua máquina biológica sofreu no espaço. Nós não somos o espinho, não somos o sangue e não somos o nervo. Somos a inteligência isolada que interpreta esses sinais elétricos no silêncio do seu próprio camarim de inverno.

Essa distância cirúrgica nos ensina a olhar para as nossas paixões com a frieza de um geômetra que analisa os ângulos de um triângulo na folha de papel. A raiva que nos incendeia o peito, o medo que nos gela a espinha ou a alegria que nos faz abrir os olhos com entusiasmo não

nascem de um plano místico ou divino misturado ao mundo. Elas são as tempestades que os movimentos da máquina corporal provocam no mar da nossa alma. Quando o sangue corre mais rápido pelas artérias ou os músculos se contraem sob o susto de uma ameaça externa, o espírito sente o reflexo dessa agitação mecânica e a chama de emoção. Nós não somos arrastados por forças ocultas do universo; somos o piloto que precisa manter a firmeza do leme enquanto o navio do corpo balança sob a pressão das ondas da extensão. A sabedoria cartesiana não consiste em se fundir com a tempestade do mundo, mas em compreender que o piloto e o barco são feitos de materiais totalmente diferentes, e que a soberania da razão é a única bússola capaz de guiar a nossa existência com exatidão no meio do nevoeiro das aparências.

Este nevoeiro que se estende para além das janelas do

quarto de inverno não possui o poder de invadir a clareza da minha geometria interna. Quando olho para a paisagem congelada lá fora e observo os homens que caminham pela rua movimentada, cobertos por seus casacos pesados e chapéus que escondem os rostos sob o frio da manhã, o senso comum me induz a afirmar, sem hesitação, que vejo pessoas reais que cruzam a calçada. No entanto, se eu submeter essa certeza ao teste rigoroso da minha dúvida de vidro, o que os meus olhos realmente captam são apenas espectros em movimento, panos que se deslocam e chapéus que flutuam no espaço físico. Quem me garante que, por baixo daquelas vestes grossas e ritmos automatizados, não se escondem meras máquinas de molas e engrenagens engenhosas, robôs construídos para imitar o passo humano com perfeição milimétrica? O olhar capta apenas a extensão externa, a superfície fria e as aparências mutáveis,

mas é o julgamento da razão, isolado na fortaleza da minha mente, que decide que ali existem seres dotados de vontade e consciência. O mundo exterior não se entrega à nossa vista; ele precisa ser deduzido pelo pensamento claro que habita a margem de dentro.

Essa soberania da inteligência diante do espetáculo do espaço vazio altera de forma definitiva a nossa posição no cosmos. Já não dependemos da harmonia cega da natureza para nos sentirmos justificados no presente, pois o universo físico revela-se como uma imensa extensão geométrica desprovida de alma, uma arquitetura de forças puramente mecânicas que opera sob o comando de leis matemáticas inquebráveis. A árvore que racha sob o peso do gelo, a pedra que rola pela encosta da montanha e a própria órbita dos planetas na escuridão profunda não carrega nenhuma centelha divina oculta em suas dobras de matéria; elas são

apenas extensão que se move sob o impacto de outras extensões. Deus não se dissolveu no lodo do lago ou no brilho da estrela, como a intuição do oceano nos fazia crer; Ele ergue-se acima da criação como o Engenheiro Supremo, o Relojoeiro Perfeito que desenhou o mecanismo mecânico do mundo, deu corda no movimento das engrenagens cósmicas e nos concedeu a luz da razão como o único instrumento capaz de decifrar os segredos de sua física elementar.

A solidão dessa descoberta, longe de nos apequenar ou nos mergulhar no desespero do abandono, confere à substância que pensa uma dignidade monumental e invencível. Ao perceber que sou o único ponto de consciência que duvida e analisa o redemoinho das aparências neste cômodo silencioso, a mente compreende que a sua essência espiritual é inteiramente independente do destino da máquina de carne que a transporta pelo tempo. O relógio do meu corpo

pode sofrer o desgaste natural dos anos, os pulmões podem cansar do fôlego e o sangue pode diminuir a sua velocidade nas veias de metal biológico, mas a inteligência lúcida que opera estas deduções e limpa o cristal da dúvida permanece intocada pelas leis da erosão física. Nós somos o ponto fixo no meio da tempestade geométrica, a luz da razão que se volta sobre si mesma e proclama a sua independência absoluta de tudo o que possui peso, contorno e largura. O cristal partido revelou a sua fratura perfeita e inabalável: o mundo exterior é distância mecânica, mas eu sou o pensamento que o governa e o decifra no silêncio da eternidade.

Movimento II: A Fortaleza do Ego (O Cogito)

O silêncio que se instala após o naufrágio das velhas certezas não traz o medo do desamparo, mas a calmaria fria e nítida de quem finalmente encontrou terra firme. No centro exato do redemoinho da dúvida, onde cada imagem do mundo exterior foi colocada sob suspeita e cada sensação do corpo máquina foi rejeitada como um possível delírio da noite, a mente humana ergue-se sobre os seus próprios alicerces e descobre a sua fortaleza invencível. Podem desabar os céus, podem sumir as estrelas e pode o gênio mais poderoso e maligno do universo gastar toda a sua engenhosidade para me enganar a cada piscar de olhos; ele nunca será capaz de fazer com que eu seja nada, enquanto eu pensar que sou alguma coisa. A própria força que ele usa para tentar me confundir esbarra na rocha

inabalável da minha existência espiritual. Mudar o contorno das aparências lá fora não altera a verdade geométrica do lado de dentro: existo, logo sou, e esta certeza é a primeira joia pura que o lapidador extrai do fundo da matéria escura.

Esta joia não possui peso que se possa medir na balança, nem contorno que se possa desenhar com a régua no papel, porque a sua essência inteira é a pura atividade de ter consciência de si mesma. Eu olho para o meu passado, para as memórias da infância, para o meu nome de batismo e para a história que os homens me ensinaram a carregar, e percebo que tudo isso pode ser uma ficção engenhosa tecida pelo tempo. Mas o fato de que há uma inteligência que agora analisa essas memórias, que duvida de sua precisão e que julga a sua validade é uma verdade que não precisa de testemunhas externas para se sustentar. A mente humana é

uma substância soberana, um reino independente que não pede licença à carne ou ao cenário para proclamar as suas leis de razão. Nós não somos os objetos que vemos na sala; somos o próprio olho imaterial do pensamento que os coloca em perspectiva, a luz da inteligência que se dobra sobre o seu próprio centro e se reconhece como um espírito imortal, livre de qualquer amarra mecânica com o espaço geográfico.

Essa soberania altera profundamente a maneira como passamos a nos posicionar diante de tudo o que nos cerca no cotidiano. O homem deixa de buscar o seu sentido na fusão com a relva do jardim ou no pulsar das marés do mar profundo, como se precisasse do mundo exterior para preencher o vazio de sua alma. A fortaleza do eu não aceita invasões. Nós percebemos que o mundo de fora é apenas extensão fria e distância mecânica, uma imensa tela

geométrica que Deus desenhou para ser decifrada pela nossa capacidade de raciocinar com clareza. Ao tomarmos posse dessa independência absoluta, a angústia da solidão transforma-se em um orgulho lúcido e silencioso. Caminhamos pela vida sabendo que, embora o nosso corpo físico seja um autômato de ossos sujeito às intempéries do clima e ao desgaste dos anos, a mente que comanda essa engenharia biológica habita um plano onde o tempo não pode cravar os seus dentes de erosão. Somos o piloto soberano, sentados na cabine de comando de uma máquina perfeita que decifra o universo sob o brilho eterno da pura razão.

Esta razão, pura e isolada em sua fortaleza imaterial, não se assemelha a uma fumaça vaga ou a um sentimento difuso que se perde na imensidão do peito. Ela opera com a nitidez cortante de uma luz que atravessa um cristal sem

sofrer desvios. Quando olho para os meus próprios pensamentos e tento catalogar as imagens que neles habitam, percebo que algumas me chegam de fora, trazidas pelos ventos enganosos dos sentidos, como o som de um trovão que assusta o ouvido ou o vermelho de uma maçã que seduz o olhar. Outras são inventadas por mim, misturas fantásticas que a imaginação desenha nas horas de ócio, como os monstros de asas de fogo e as cidades de ouro que habitam os contos antigos. Mas existe uma terceira classe de ideias, aquelas que nascem comigo, gravadas na própria estrutura da minha inteligência desde o instante em que a substância que pensa começou a existir. São as ideias inatas, as sementes da verdade matemática e geométrica que Deus depositou no fundo da alma humana para servirem de bússola no meio do caos das aparências. A noção de que o infinito existe, de que a linha reta é a menor

distância entre dois pontos ou de que o Eu é uma unidade indivisível, não dependem do mundo exterior para se fazerem reais; elas trazem em si a assinatura da própria luz divina.

Saber que carregamos a verdade gravada na própria inteligência transforma o nosso silêncio doméstico em um laboratório de pura exatidão. Quando me sento à mesa e decido analisar uma verdade geométrica simples, não preciso sair pelas estradas da terra colhendo pedras ou medindo árvores para comprovar os meus cálculos no chão do mundo cenário. O geômetra trabalha de olhos fechados. Ele desenha em sua mente o triângulo perfeito, uma forma ideal que nenhuma mão humana jamais conseguiu esculpir na madeira ou no granito com precisão milimétrica, e deduz as suas leis necessárias com a certeza de quem toca a eternidade. As pedras que rolam nas

calçadas do mundo são cópias imperfeitas, sombras mutáveis que a matéria mecânica deforma a cada segundo sob a pressão do clima; mas a verdade do triângulo habita o plano imortal do espírito puro, blindada contra a ferrugem do tempo e o desgaste da erosão. O homem que aprende a dialogar com essas verdades inatas descobre que a sua mente não é uma tábua vazia que precisa ser escrita pelas sensações do corpo; ela é um livro sagrado escrito em linguagem geométrica, cujas páginas só revelam o seu sentido quando nos afastamos do ruído do mundo exterior.

Esta distância cirúrgica, no entanto, coloca diante do espírito uma nova e formidável linha de fratura que divide a nossa existência em dois hemisférios que nunca se misturam por direito de herança. De um lado, ergue-se o reino do pensamento puro, o império invisível da consciência, da dúvida, do julgamento e da vontade

soberana, uma substância cuja característica principal é ser inteiramente livre e indivisível. Você não pode cortar um pensamento ao meio com uma lâmina de aço, nem pode medir o peso de uma decisão na balança do comércio, porque o espírito não possui partes, não ocupa lugar no espaço e não pertence à mecânica da extensão física. Do outro lado, estende-se o império da matéria fria, a substância cujo único atributo é ocupar espaço, possuir largura, contorno, peso e profundidade, inteiramente submetida às leis cegas do impacto e do movimento mecânico. O mundo exterior e o próprio corpo que me transporta pelas calçadas são feitos dessa matéria geométrica descartável. Não há uma ponte mágica que misture o espírito com a carne, não há um sangue místico que corra entre a alma e os ossos. Somos o cristal que partiu exatamente ao meio, duas realidades paralelas que

habitam o mesmo instante do tempo sem jamais cederem a sua essência uma à outra.

Esta separação radical, longe de paralisar a nossa capacidade de agir no cotidiano, estabelece as bases de uma nova e formidável liberdade para a inteligência. Quando o espírito humano se descobre inteiramente independente da mecânica do mundo, ele para de mendigar certezas nas superfícies mutáveis das coisas de fora. Percebemos que o medo, a superstição e a pressa que costumam escravizar a multidão nas cidades nascem unicamente de uma visão fragmentada e confusa do próprio tecido do pensamento. Se um homem passa a vida inteira acreditando que a sua felicidade depende da estabilidade do clima, do acúmulo de bens de ferro ou da aprovação dos seus semelhantes, ele condena a sua própria alma a uma servidão perpétua, transformando o piloto soberano em um náufrago sem

bússola. Mas quando a razão recolhe as suas forças e se isola em seu próprio centro, ela descobre que o seu verdadeiro tesouro não pode ser tocado pelas intempéries da matéria. A liberdade não consiste em se dissolver no ambiente, mas em saber que nenhuma engrenagem física possui o poder de constranger a dignidade da minha escolha interna.

Imagine a força de uma mente que consegue olhar para o próprio sofrimento do corpo máquina com o distanciamento de um médico que estuda a mecânica de uma ferida no livro de anatomia. Quando a febre ou a fadiga atacam as veias biológicas do autômato de carne, o espírito puro registra o impacto como um sinal elétrico codificado, um alerta mecânico que viaja pelos filamentos nervosos até a cabine de comando do cérebro. Mas o piloto não precisa adoecer junto com o navio. Ele analisa a dor,

providencia os remédios físicos com a exatidão de quem conserta um relógio cujas engrenagens se desgastaram, e mantém a sua serenidade intelectual intocada pelas tempestades do sangue. Esta é a verdadeira vitória do dualismo: a capacidade de manter o cristal da mente perfeitamente límpido e transparente, mesmo quando a máquina ao redor racha sob a pressão dos anos e do tempo. Não há tragédia metafísica na deterioração da carne, porque a substância que pensa pertence a outra pátria, a um hemisfério imaterial que não conhece o fim.

Esse orgulho geométrico nos leva a uma profunda reorganização dos nossos afetos cotidianos, limpando o terreno da vida de todas as ilusões que outrora nos faziam sofrer com a solidão. O isolamento, que antes parecia um deserto de angústia e abandono no mundo cenário, revela-se agora como a condição indispensável para a conquista da

verdadeira autonomia intelectual. Na quietude deste quarto de inverno, cercado apenas pelos meus livros de matemática e pela luz sutil que atravessa a vidraça da janela, percebo que nunca estive tão acompanhado. Estou em diálogo constante com a minha própria essência e com as verdades eternas que habitam a estrutura da minha razão. As amizades que cultivo a partir deste centro já não são fusões emocionais cegas ou dependências mútuas de carne e osso; elas são encontros nítidos entre duas inteligências soberanas que se respeitam mutuamente, duas substâncias pensantes que se olham através da linha de fratura e celebram, na clareza do diálogo, a ordem e a beleza do grande Engenheiro do universo.

Movimento III: O Autômato de Carne (O Corpo-Máquina)

Olhar para o próprio corpo após descobrir a soberania do espírito é como um engenheiro que se debruça sobre a mecânica de um relógio de precisão extraordinária, cujo funcionamento interno obedece de forma cega e perfeita às leis da física elementar. Esta carne que me reveste, esses ossos que sustentam a minha estrutura no espaço e os músculos que se contraem para mover os meus dedos sobre a mesa não são o território sagrado de uma divindade fundida à matéria, mas um autômato engenhoso moldado pelas mãos do Grande Geômetra. O corpo humano é uma máquina feita de engrenagens de carne, encanamentos complexos de sangue e foles biológicos de ar que respiram sem que a mente precise coordenar cada milímetro de pressão. Se eu

durmo na calada da noite e o meu pensamento se retira para os labirintos do sonho, o coração continua a bater as suas horas biológicas e os pulmões continuam a inflar sob o comando mecânico da física. O corpo não precisa do espírito para funcionar; ele é um relógio de altíssima complexidade que obedece unicamente à mecânica da extensão.

Essa visão cirúrgica desfaz qualquer ilusão mística de que a vida da carne é um mistério sobrenatural inacessível à luz da razão humana. Se eu observo o movimento de um grande relógio de torre em uma praça da cidade, vejo os pesos descerem, as rodas dentadas girarem umas sobre as outras e os ponteiros avançarem com uma precisão matemática pelo mostrador. Ninguém em sã consciência diria que há uma alma escondida dentro do bronze ou do ferro comandando os passos do relógio; sabemos que se trata de pura transmissão de força física de uma peça para a

outra. O nosso autômato de carne opera exatamente sob a mesma lógica espacial. O sangue que corre pelas artérias é o fluido sob pressão que move as turbinas dos órgãos, os nervos são os filamentos mecânicos que puxam os gatilhos dos músculos, e as articulações são as dobradiças perfeitas que permitem à estrutura caminhar sobre o solo plano. Somos um mecanismo vivo e extenso, uma engenharia hidráulica e pneumática de beleza monumental, mas inteiramente desprovida de pensamento próprio em suas dobras de matéria.

Compreender que a carne é uma máquina perfeita nos liberta da antiga confusão que nos fazia misturar o piloto com o navio na travessia dos dias. A mente humana não habita o corpo como um marinheiro que está simplesmente sentado dentro de um barco, olhando o movimento das ondas sem sentir o impacto da madeira contra a água. A

união entre o espírito e o autômato é muito mais íntima, costurada por um nó sutil na glândula central do cérebro, onde os movimentos da matéria e os afetos da alma se refletem mutuamente em tempo real. Se a máquina do corpo sofre a fratura de um osso ou o desgaste da fome, a alma sente o reflexo dessa agitação mecânica sob a forma de dor ou de apetite. Mas o piloto precisa manter a sua lucidez geométrica intocada. Ele não se confunde com o ferro das vigas ou com a madeira do convés; ele governa o leme com a frieza de quem sabe que, mesmo se o navio do corpo rachar sob o peso dos anos e afundar no oceano da extensão fria, o espírito que comanda a viagem permanecerá inteiro, indivisível e soberano em sua verdadeira pátria imaterial.

Esta pátria imaterial que o pensamento governa não deve nos fazer desprezar a precisão mecânica com que o corpo

executa as suas tarefas no plano da extensão. Um filósofo atento à física dos corpos percebeu que a saúde e a doença não são bênçãos ou maldições de forças ocultas, mas o estado de calibração ou desajuste da nossa engenharia biológica. Quando um relógio está perfeitamente regulado, com as suas engrenagens limpas e os seus pesos balanceados, ele cumpre a sua função de medir o tempo com exatidão matemática. Mas se uma única roda dentada sofre o desgaste do tempo ou acumula poeira em seus eixos de metal, o mecanismo inteiro começa a atrasar, os ponteiros tremem e a harmonia mecânica se desfaz. A doença humana funciona exatamente sob a mesma lógica espacial. Ela é o relógio de carne cujas peças sofreram um impacto ou um desajuste em suas pressões hidráulicas. Tratar a febre ou consertar a fratura de um osso não é um ato de magia, mas o trabalho de um mecânico da natureza que devolve às

engrenagens biológicas o seu ritmo necessário e original.

Essa clareza nos ajuda a desarmar o medo da deterioração física que costuma atormentar o peito dos homens. Aceitar que o autômato de carne está sujeito às leis cegas do impacto e do movimento significa compreender que o envelhecimento é apenas o processo natural de desgaste de uma máquina complexa que trabalhou sem cessar durante décadas. As molas perdem a tensão, os eixos das articulações se tornam menos maleáveis e o fluido do sangue diminui a sua velocidade nos canais biológicos. Não há injustiça metafísica ou punição divina nesse declínio. Deus desenhou a matéria para ser extensa, divisível e mutável, uma substância cuja característica principal é poder ser moldada em infinitas formas geométricas ao longo do tempo. O sábio não chora porque o seu navio de carne está envelhecendo sob a ação do inverno; ele providencia os

reparos necessários com a serenidade de quem sabe que o piloto não envelhece junto com a madeira do convés, e que a luz da razão permanece intocada pela ferrugem que ataca as engrenagens da matéria.

Ao caminharmos pelas calçadas das cidades e observarmos as grandes obras da engenharia humana — as pontes de ferro que cruzam os rios, os guindastes que erguem blocos de pedra nos canteiros de obras e os moinhos que giram sob a força do vento —, percebemos que a nossa tecnologia é apenas uma cópia simplificada da engenhosidade divina. O Grande Geômetra construiu o corpo dos animais e dos homens com uma sofisticação que nenhuma oficina humana jamais conseguirá imitar, mas usando os mesmíssimos princípios da mecânica e da geometria. Um braço mecânico de ferro que levanta um peso na fábrica e o braço de carne de um operário que puxa uma alavanca

operam sob as mesmas leis de alavanca e transmissão de força no espaço. A única e monumental diferença é que no centro do autômato humano habita uma substância que pensa, um espectro consciente que não faz parte da máquina, mas que tem o privilégio de usá-la como o seu instrumento de ação no mundo exterior, decifrando a extensão fria através do brilho eterno da pura inteligência.

Esta inteligência, resguardada no centro de comando do cérebro, percebe que o autômato de carne não é um obstáculo para a liberdade da mente, mas o veículo preciso com o qual operamos sobre a matéria extensa. Se eu decido levantar a mão para colher um fruto na árvore, o pensamento não precisa empurrar fisicamente os ossos ou esticar os tendões por meio de uma força material. O ato da minha vontade, que pertence inteiramente ao hemisfério imaterial do espírito, atua como o gatilho que libera os

espíritos animais — os fluidos sutilíssimos e rápidos que correm pelos canais invisíveis dos nervos como o vento que viaja pelos tubos de um órgão de catedral. Esses fluidos disparam em direção aos músculos do braço, inflam as fibras biológicas e fazem com que a dobradiça do cotovelo se mova com exatidão geométrica em direção ao galho. A mente dá a ordem no plano do sentido; a máquina executa no plano do espaço. Não há mistério mágico na ação, mas uma coreografia mecânica tão perfeita que atesta a genialidade do Arquiteto que organizou as engrenagens da nossa carne.

Essa clareza sobre o funcionamento do corpo máquina transforma também a nossa responsabilidade diante dos nossos próprios estados de espírito. Muitas vezes nos queixamos de uma tristeza avassaladora ou de uma ansiedade que aperta o estômago, julgando que a nossa

alma foi invadida por uma escuridão sem explicações físicas. No entanto, o dualismo nos ensina a olhar para essas tempestades internas com a atenção de um relojoeiro. A melancolia que pesa sobre a mente é, na maioria das vezes, o reflexo mecânico de um sangue que se tornou espesso e lento nos canais do corpo, ou de uma digestão que travou os foles do autômato de carne. O espírito sofre o eco dessa agitação pesada porque está amarrado ao nó central da glândula cerebral. Cuidar da máquina, regular os seus fluidos com o repouso e alimentar as engrenagens com a moderação do combustível biológico não são preocupações puramente mundanas; são os atos necessários para limpar o vidro através do qual a alma assiste ao mundo exterior. Se o navio está calibrado e em paz, o piloto ganha a leveza necessária para se dedicar aos cálculos da pura razão.

Quando estendemos esse olhar para o restante da natureza,

percebemos que os animais que correm pelas florestas e os pássaros que cruzam o céu profundo dividem com o nosso corpo a mesma herança mecânica, mas sem o privilégio do espectro consciente que nos habita. Um cão que late diante de uma ameaça ou que corre com alegria ao reencontrar o seu dono não age movido por uma alma imaterial capaz de julgar e duvidar; ele é um autômato ainda mais simples, cujas molas e engrenagens biológicas foram programadas pelo Grande Geômetra para responder instantaneamente aos impactos do ambiente. O grito de dor de um animal ferido não é o lamento de uma consciência que padece, mas o som estalado de uma mola que foi forçada além do seu limite, como o rangido de uma engrenagem de ferro que precisa de óleo. Essa constatação não nos autoriza à crueldade, mas nos devolve a lucidez de saber que o pensamento puro é uma substância rara e sagrada, uma

dignidade única que Deus concedeu à espécie humana para que o universo mecânico não fosse apenas extensão cega, mas pudesse ser medido, compreendido e governado pela luz da imensa e eterna verdade.

Movimento IV: O Grande Geômetra
(O Deus de Descartes)

Esta verdade imensa e eterna, que a nossa mente descobre ao examinar a solidez de sua própria geometria interna, não poderia ter sido plantada em um espírito humano e finito se não houvesse uma causa ainda maior para sustentá-la. Quando a razão se volta para dentro da fortaleza do eu e contempla a ideia de um ser infinito, perfeito e eterno — um Deus que não falha, não engana e não conhece limites —, ela percebe que essa imagem não poderia ter sido fabricada pelas nossas próprias mãos humanas. Nós somos criaturas incompletas, substâncias que duvidam, que erram e que tateiam no escuro do inverno; o menos perfeito nunca poderia dar origem à ideia da perfeição absoluta. Essa imagem do infinito gravada

em nossa inteligência é a assinatura que o Criador deixou em sua obra, a marca que o operário imprime no vaso de argila para selar a sua autoria. Deus ergue-se acima da matéria como o Grande Geômetra do universo, uma presença transcendente e soberana que habita fora e acima do mundo físico, governando a extensão através de leis matemáticas que a nossa razão foi feita para compreender e decifrar.

Afastar a ilusão de um Deus que se dissolve na relva do jardim ou que se mistura com as águas do oceano é o passo definitivo para encontrarmos a verdadeira ordem no cosmos. A divindade cartesiana não habita o lodo do lago, não sofre com o desgaste da matéria e não se confunde com as imperfeições das coisas que mudam de forma sob o tempo. Ela é a inteligência suprema e pura, o Engenheiro Eterno que desenhou o mecanismo do mundo, distribuiu

uma quantidade exata de movimento e matéria pelo espaço infinito e retirou-se para o seu plano de transcendência e clareza absoluta. O universo não é o corpo de Deus; ele é a obra-prima que saiu de sua oficina cósmica, um relógio perfeito cujas engrenagens de ferro e astros de fogo continuam a girar de forma cega e mecânica porque obedecem às leis da física elementar que Ele fixou na eternidade. Deus não governa por milagres diários que quebram as suas próprias regras; Ele governa pela exatidão inabalável de sua própria geometria que nunca falha e nunca volta atrás.

Esta transcendência absoluta torna-se a garantia definitiva de que o mundo exterior não é um delírio ou uma armadilha sem fim para o nosso pensamento. Se Deus é a perfeição total, Ele não possui a vontade de nos enganar, pois a fraude e a mentira nascem sempre da fraqueza, do

medo ou da falta de poder. Um ser infinitamente poderoso não precisa de truques ópticos para sustentar o seu império. Portanto, quando a minha mente analisa o espaço tridimensional com clareza e nitidez, descobrindo as leis que movem os corpos e a matemática que sustenta a física da luz, eu posso ter a certeza de que a matéria lá fora existe de fato. O sol que brilha na janela, a mesa de madeira onde apoio os braços e o próprio autômato de carne que me transporta pelas calçadas são realidades extensas e verdadeiras. Eles não são uma ficção do sono, porque o Grande Geômetra garante a ponte invisível entre a verdade do meu pensamento e a realidade mecânica do mundo, permitindo que a nossa razão caminhe sobre a terra com o passo firme de quem habita um universo ordenado pela pura e soberana inteligência.

Esta soberana inteligência, que serve de âncora para a

nossa razão, restabelece a nossa confiança diante de cada fenômeno que se desenrola no plano da extensão. A certeza da existência de um Deus perfeito nos autoriza a abandonar de vez as correntes da dúvida inicial, não para retornarmos à ingenuidade do senso comum, mas para abraçarmos a verdadeira ciência da matéria. O mundo exterior deixa de ser um labirinto de espectros e sombras para se revelar como um mapa nítido, cujas leis podem ser integralmente lidas através da geometria aplicada. Quando observamos o movimento dos rios que descem a montanha, a refração da luz que atravessa um prisma de vidro ou a força do vento que impulsiona as asas de um moinho, já não buscamos ali intenções ocultas ou mistérios teológicos dissolvidos no cenário. Compreendemos que cada um desses movimentos é uma equação em pleno andamento, a transmissão exata e mensurável de força

motriz de uma partícula extensa para outra. A natureza opera como uma imensa oficina cujo maquinário funciona em plena transparência sob a luz da matemática divina.

Esta clareza matemática afasta da mente humana o peso das superstições medievais que outrora encolhiam a nossa potência de agir e de pensar. Durante séculos, a humanidade viveu sob o terror de cometas que singravam o céu como avisos de punição, ou de pragas que assolavam as cidades como a cólera de uma divindade intempestiva e humanizada. Mas o olhar do dualismo, ao separar cirurgicamente o Criador de sua obra mecânica, limpa o cristal da percepção e devolve a paz ao espírito. O cometa não carrega uma mensagem moral; ele é um corpo extenso que segue a sua linha geométrica e previsível no espaço tridimensional. A peste não é o veredito de um tribunal invisível; ela é o desajuste de partículas diminutas no

autômato da carne, um problema hidráulico e biológico que a medicina pode investigar e corrigir. Ao compreendermos que o universo de fora é uma engrenagem cega que obedece a regras imutáveis, nós nos libertamos do medo do desconhecido e assumimos o leme da nossa própria preservação através do conhecimento das causas mecânicas.

Essa segurança no método transforma também a nossa relação com o erro e com a ilusão. Se a nossa faculdade de julgar foi plantada em nós por um ser perfeito que não nos deseja enganar, por que a mente humana ainda tropeça em falsas impressões e se deixa arrastar pelas paixões tristes do preconceito? O erro não provém de uma falha de fabricação da nossa inteligência, mas do descompasso entre a nossa capacidade de entender e a nossa liberdade de escolher. Nossa vontade é infinita, capaz de desejar e de afirmar qualquer coisa no plano do sentido; mas o nosso

entendimento é limitado, restrito aos limites da nossa carne finita. Quando a vontade se apressa e decide julgar aquilo que o entendimento ainda não examinou com clareza e nitidez, o cristal se cobre de poeira e o engano acontece. O homem sábio aprende a disciplinar a sua liberdade, recusando-se a dar o seu assentimento a tudo o que se apresenta de forma confusa ou nublada. Ele aguarda a evidência geométrica, sabendo que a pressa é a única mancha capaz de turvar o espelho da pura verdade divina.

Esta verdade divina, que se deixa espelhar na paciência do nosso julgamento, restabelece a harmonia no uso da nossa inteligência finita. Quando o espírito aprende a frear o ímpeto da vontade e a conceder o seu assentimento apenas àquilo que se apresenta com a nitidez de uma forma geométrica, a engenharia do mundo exterior deixa de ser uma ameaça e passa a ser um patrimônio de certezas. Nós

não somos mais as vítimas assustadas de um cenário hostil, nem os prisioneiros de um sonho interminável; somos os herdeiros legítimos de um universo estruturado pela ordem. Cada cálculo que fazemos sobre a velocidade de um corpo que cai, cada medição que realizamos sobre a curvatura de uma lente de vidro ou cada dedução sobre o peso da matéria no espaço é um ato de sincronia com o pensamento do próprio Criador. Deus não se revela nas comoções místicas ou nas aparições que quebram o curso da natureza; Ele se revela na invariabilidade de Suas leis, na beleza fria e monumental de uma física que permanece idêntica a si mesma ontem, hoje e por toda a eternidade.

Essa constância das leis da extensão nos permite olhar para o futuro com a tranquilidade de quem planeja uma construção sobre alicerces de granito. O amanhã não é o capricho de uma divindade temperamental que muda as

regras do jogo conforme o tamanho de suas zangas humanas. O amanhã é o resultado mecânico e inevitável das forças físicas que estão em andamento neste exato átimo de segundo. Se eu solto uma pedra do alto da torre, eu não preciso rezar para que ela encontre o chão; sei que a força da gravidade executará a sua tarefa matemática com a precisão de um mecanismo que nunca cansa. Essa previsibilidade liberta a nossa alma das angústias que paralisavam as civilizações antigas e nos convida a agir no presente com eficácia e método. A verdadeira piedade cartesiana não é a passividade que espera por milagres do além, mas a ação lúcida que estuda os mecanismos da criação e constrói moinhos, diques, óculos e navios para amparar a vida humana, estendendo a soberania da mente sobre a matéria mecânica com a exatidão que agrada ao Engenheiro do universo.

Ao fecharmos as páginas dos velhos compêndios que tentavam misturar a teologia às paixões humanas, sentimos um profundo alívio mental, como quem sai de uma sala abafada e escura para respirar o ar fresco de uma manhã de inverno. O Deus que a razão encontra no isolamento da dúvida não possui o rosto do homem, não conhece o egoísmo e não se move por vaidades. Ele é a própria garantia de que a lógica da nossa mente e a física do mundo exterior usam a mesmíssima cartilha geométrica. Quando um poeta ou um filósofo se debruça sobre a mesa de trabalho na calada da noite e consegue traduzir a mecânica de um afeto ou a trajetória de uma estrela em linhas limpas de prosa poética, ele não está inventando uma ordem que não existia; ele está apenas limpando o vidro da percepção para que a luz da substância transcendente possa iluminar a página branca.

A escrita deste segundo livro é a celebração desse cristal que rachou sem se despedaçar, a afirmação de que, embora a mente e a matéria habitem hemisférios separados, elas conversam sob o olhar atento do Grande Geômetra que organizou a imensidão de tudo o que existe.

Movimento V: O Espelho das Duas Substâncias

Quando a lâmina da dúvida radical termina o seu trabalho paciente de desgaste e polimento, o que se revela diante dos nossos olhos não é o deserto da negação, mas a beleza fria, nítida e transparente de uma ordem perfeita. Não precisamos de grandes discursos metafísicos para compreender o que a inteligência purificada já testemunha no silêncio do seu próprio recolhimento. Olhar para a realidade através da cisão cartesiana é, acima de tudo, um ato de profunda lucidez e libertação. É perceber que o universo se divide com um corte cirúrgico e belo em dois hemisférios independentes que nunca se misturam por direito de essência, mas que conversam o tempo todo através do olhar atento do Grande Geômetra. O orgulho que esse olhar desperta não nasce da vaidade de nos julgarmos

donos da terra, mas do contentamento absoluto da mente que descobre que é uma substância espiritual e imortal, perfeitamente resguardada contra a ferrugem do tempo e contra as fraquezas da matéria mecânica.

Este contentamento não se explica em teorias confusas, porque ele se faz notar nas experiências mais sutis da nossa passagem pelas calçadas do mundo. Ele está presente no instante em que nos sentamos diante de um espelho plano e percebemos que o rosto que nos devolve o olhar é apenas uma imagem extensa feita de luz, carne e geometria biológica, enquanto o eu que observa o reflexo, que julga o contorno das feições e que sente a urgência do presente habita outro plano, livre de qualquer amarra com o espaço material. Não há fusão entre o fantasma e a máquina, porque eles pertencem a reinos totalmente diferentes que se olham através da linha de fratura sem jamais cederem a sua

essência. Nós somos o piloto lúcido que conduz o navio do corpo com a firmeza de quem conhece as leis da extensão fria, governando os movimentos dos músculos e regulando os fluidos do sangue sob o império da pura e soberana inteligência.

Ao aceitarmos essa separação definitiva, o mundo exterior perde o seu caráter de ameaça ou mistério indecifrável e ganha a dignidade de uma obra-prima de engenharia mecânica. A árvore que racha sob o gelo do outono, o rio que corre em direção ao vale e a própria órbita dos planetas na escuridão profunda revelam-se como engrenagens cegas e perfeitas de um grande relógio cósmico a que o Criador deu corda na eternidade. Caminhamos pela vida com o passo firme de quem sabe que a razão humana foi feita para decifrar os segredos dessa física elementar. Não há transição para o nada, não há salto para fora da ordem

universal. O cristal partido exatamente ao meio revelou a sua fratura perfeita e inabalável: a mente é o reino invisível do pensamento puro, o corpo é a máquina engenhosa que a transporta pelo espaço, e ambos dividem o mesmo plano da eternidade sob a vigilância do Arquiteto que desenhou a imensidão do Tudo.

Essa certeza devolve a paz ao nosso caminhar e encerra de vez a ilusão de que somos criaturas sem rumo perdidas no labirinto das aparências. O nevoeiro dissipou-se. O quarto de inverno, a calçada movimentada, o autômato de carne e o próprio narrador que conclui estas linhas revelam-se em suas verdadeiras e nítidas posições geométricas. Pertencemos ao plano do espírito e ao império da extensão sob leis imutáveis, e quando a máquina do nosso corpo finalmente cansar do seu movimento biológico e parar as suas engrenagens no tempo, a alma não desaparecerá no vazio;

ela apenas se desvencilhará do metal da carne, regressando à sua verdadeira pátria imaterial onde a luz da razão brilha sem sombras. Fecho os olhos e sinto a rigidez cristalina da minha escolha interna. O relógio bate do lado de fora, a máquina executa as suas pressões no espaço, mas o pensamento permanece intacto, imenso, eterno e livre, em sua fortaleza inviolável.

Epílogo: O Cristal Isolado

O silêncio que agora se aproxima não traz consigo o peso do abandono ou a melancolia do fim. O repouso do autômato de carne não é a destruição da inteligência; é apenas o instante em que o piloto desliga os motores da máquina biológica e se recolhe por inteiro à sua verdadeira pátria imaterial. A pele, que durante uma jornada inteira funcionou como a muralha rígida da minha fortaleza, revela-se agora como a linha de fratura definitiva, o corte geométrico e limpo que cumpre a sua promessa de separação. Percebo, enfim, que deixar a máquina é apenas tomar posse definitiva do espírito puro. A matéria que sustentou o meu nome, os meus passos mecânicos e o meu olhar cansado sob o inverno devolve as suas peças ao plano da extensão, desfazendo-se em engrenagens biológicas menores para alimentar a física cega da terra. Não há

perda real onde a alma nunca pertenceu ao pó.

Minha história pessoal desbota no cenário de fora, mas a minha essência permanece intacta, preservada no plano invisível da consciência como um teorema matemático que nenhuma mão humana pode apagar. Eu sou este cristal que aceita a precisão de sua fratura perfeita. Os rostos que analisei, as certezas que deduzi e os afetos que testei sob a luz da razão não se dissolvem no esquecimento do tempo. Eles ficam gravados no acervo eterno da pura verdade divina, blindados contra a ferrugem e contra a erosão que atacam as coisas que possuem peso e largura. O Grande Geômetra não deixa que a luz da inteligência se apague quando as molas do corpo cansam de bater.

Se alguém, em um dia distante do futuro, encontrar este livro esquecido em uma estante poeirenta e passar os dedos por estas linhas de tinta, o milagre do dualismo se fará

notar mais uma vez no silêncio do cômodo. Não serei eu, o homem de carne, quem estará ali falando através do papel; será a mesmíssima luz da razão que agora guia os meus pensamentos que se acenderá na mente daquele leitor desconhecido. Estaremos, no rigor daquela leitura, celebrando o fato de que somos substâncias pensantes, espíritos soberanos que assistem ao teatro das aparências sem se misturarem com a poeira do palco. A engrenagem para. O relógio silencia. A máquina entrega as suas peças ao espaço, mas o pensamento permanece inteiro, imortal e livre, em sua paz geométrica invencível...

Nota do Autor

Escrever este segundo volume foi o fechamento de um arco de puro encantamento literário. Se no livro que abriu esta coleção reunida, ***A Grande Dobra****, nos entregamos à intuição caudalosa de Spinoza para celebrar o pertencimento e a fusão de todas as coisas em uma única substância divina, aqui o desafio foi de natureza radicalmente oposta.* ***A Cisão Perfeita*** *exigiu de nós o rigor do lapidador, a paciência do geômetra e a coragem de habitar a solidão nítida do pensamento puro.*

Como deixei registrado nas páginas preliminares deste manuscrito, minha intimidade e minha visão de mundo permanecem ancoradas no monismo imanente. No entanto, a literatura provou ser, mais uma vez, o único território verdadeiramente livre e soberano. Ela nos

permitiu vestir a armadura do dualismo cartesiano, calçar os sapatos do exílio e experimentar a beleza dramática de nos sentirmos um fantasma operando uma máquina biológica perfeita no meio de um universo matemático.

O contraste físico e conceitual entre as duas obras reflete a própria essência da arte: a capacidade de olhar para a mesma realidade e enxergar ora o oceano que nos une, ora o cristal que nos divide. Se estas duas jornadas pelo pensamento clássico conseguiram, cada uma ao seu modo e com o seu ritmo próprio, despertar no leitor leigo a curiosidade pelas grandes perguntas da alma, o nosso exercício estético cumpriu o seu papel. A engrenagem mecânica do papel silencia por aqui, mas a busca pela clareza e pela verdade continua a vibrar, infinita e imortal, no silêncio da nossa própria consciência.

Paulito Dagen Roer.

fim

FUNDAMENTO